

## DEVIR-ANIMAL E SUAS POSSIBILIDADES DE SER NA ARTE

HENRIQUE TORRES DE SOUZA<sup>1</sup>; RENATA CORRÊA JOB<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [henriquetorresdesouza@gmail.com](mailto:henriquetorresdesouza@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [renatacjob@gmail.com](mailto:renatacjob@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A diferença entre a espécie humana e qualquer outra espécie animal é a nossa fragmentação, disfuncionalidade, indisposição de ser inteiro, destoante do equilíbrio natural. Todavia, todo ser, vivo ou não vivo, é potente, a vibração que ecoa infinita dentro de nós. Dessa inquietação parte o experimento de se postar a ser inteiro, criatura quadrúpede, animal à espreita. O fronteiro mais perto de nós que não seja a nós mesmos é o corpo, a matéria, a carne. Parte daí a decisão da performance, o papel do ator, mais que atuar, o papel de se induzir; indução é o que busco.

No centro de Pelotas, no dia 12 de outubro de 2015, me induzi como animal, em uma caminhada registrada em um vídeo de seis minutos e trinta segundos; na primeira metade do vídeo performance, assumindo um estado de ser contemplativo para depois, na segunda metade da ação, tornar-me animal, estar ciente de seu entorno; cheirar, ouvir e tocar o mundo em temporalidades diferentes. A postura quadrúpede tem grande relevância nesse processo de vir a ser, devir não é imitar, não tento reproduzir uma raposa furtiva com o quadril elevado e cabeça abaixada, cautelosa; venho a ser me apropriando dos motivos externos – nesse caso, a vulnerabilidade de me postar diferente em meio a cidade hostil –, que tornam necessária a postura da raposa para que se torne necessário que eu assuma tal postura.

O vídeo performance “Animalia Fractal” propiciou o pensamento sobre a fragmentação humana e compreensão do ser animal, da necessidade de um bando, um coletivo, uma sociedade; o meio nos influencia, o bando nos influencia. A partir da leitura de Deleuze sobre as qualidades animais penso que todo ser existe em múltiplos, todo lobo tem ou algum dia teve a sua matilha. A criatura performática do vídeo, sozinha, se torna vil, doentia, degenerada.

“O anormal só pode definir-se em função das características, específicas ou genéricas; mas o anômalo é uma posição ou um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade. Os feiticeiros se utilizam então do velho adjetivo ‘anômalo’ para situar as posições do indivíduo excepcional na matilha. É sempre com o Anômalo, Moby Dick ou Josefina, que se faz aliança para devir-animal.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 21)

A sociedade constitui sua própria identidade dissociada de ser o que é, ser animal, uma evidência disso está na existência dessa separação linguística do que é homem e do que é animal – no dicionário AURÉLIO (2000) um dos significados da palavra “animal” consta como “adj2g 6. Do ou próprio do animal”, sugere algo que não nos pertence. O movimento que devo fazer para ativar esse devir-animal – que a todo tempo está presente dentro de nós –, não podia ser outro se não um vetor de saída, me territorializar nesse terreno de anormalidade.

Penso a máscara de carne como a transfiguração de minha própria identidade para algo que está fora da linha, somente estando fora da linha que eu poderia vir a ser outra coisa. Materialmente a carne também traz a sua própria

identidade, o que ela é, o que um dia foi: pedaço de um outro ser que ainda respirava em meu rosto, um ser “mais animal” do que eu; trazer este “outro” em um contato direto com a minha pele se tornou instrumento de indução, uma linha suspensa sobre a memória do que eu deveria me tornar.

## 2. METODOLOGIA

Tal qual este resumo, a pesquisa em devir-animal originou-se de uma prática: vir a ser aquela criatura que fui na tarde de outubro, o que condicionou posteriores pensamentos e referenciais teóricos. Partindo do macro para chegar no micro, no entendimento de que o desejo animal está ínsito em qualquer humano, a descoberta sobre o que é esse desejo. Devir é um dos principais conceitos para esta pesquisa, concebido por Deleuze e Guattari, se configura como um desmembramento da essência da subjetividade não só humana, como de todas as coisas; é um evento de dupla captura, que acontece sempre a dois, pois “[...] aquilo que se devém devenha tanto quanto aquele que devém [...]”<sup>1</sup>.

“Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 67)

O devir é real, é um ponto, portanto, não pode ser medido, atemporal e incapaz de ser representado; está longe de ser uma imitação, uma analogia, para devir deve-se ser; o devir acolhe a impossibilidade, devir é “tornar-se”. Como afirmam DELEUZE e GUATTARI (EDITORA 34, 1997) “O devir não produz outra coisa se não ele mesmo. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos ou somos”. Essa característica ontológica do devir, o ponto, também foi explorada previamente por NIETZSCHE (VOZES, 2011) “[...] tudo quando se torna consciente é um fenômeno final, uma conclusão que nada origina; toda sucessão na consciência é absolutamente atomística [...]”.

O devir é sempre minoritário, pois a maioria exerce uma força de dominação que se torna um modelo padrão, referencial que vai condicionar o que o ser humano almeja ser, desse modo, as relações que conduzem a esse padrão majoritário são mantidas por analogia, mera reprodução. Portanto, a necessidade de ser anômalo, tangenciar a normalidade; Suely Rolnik nos fala da qualidade dessas minorias que em um primeiro momento partem de uma subjetividade individual e acabam se multiplicando:

“Os processos de marginalização atravessam o conjunto da sociedade. [...] esses processos desembocam numa mesma visão de miséria, de desespero e de abandono à fatalidade. Mas esse é apenas um dos lados que estamos vivendo. Um outro lado é o que faz a qualidade, a mensagem e a promessa das minorias: elas representam não só polos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação que, numa etapa ou outra, são suscetíveis de serem retomados por setores inteiros das massas.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996. p. 75)

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência performática nos traz uma série de afinidades em relação aos devires, como o momento de vir a ser algo anômalo, fora de seu estado natural ou o fato de estar inserido em um meio, atravessado. A experimentação de “vir a ser” em “Animalia Fractal” sugeriu uma nova visão de como a performance pode ser um instrumento enunciativo de devires, por seu caráter relacional entre corpo-bando-ambiente – a descoberta do “bando” nessa relação partiu de um desenvolvimento posterior à experiência de devir-animal, a percepção da importância da matilha na construção do ser. O corpo se mostra como uma de nossas fronteiras mais próximas, portanto, necessário nesse momento em que eu busco ser “próximo”. Me tornar (devir) até o ponto em que o pensamento sobre ser animal parta do próprio ponto de vista animal e que depois se racionalize em potencialidades de ser, em múltiplo, na espécie humana

É do corpo que também partem os gestos que marcam os territórios, Deleuze, em entrevista concedida à Claire Parinet, relaciona essas ações com a forma que fazemos arte, através do uso de cor, canto e postura. Portanto, me transfigurar naquele animal também envolve uma série de construções de territórios, barreiras imateriais que por muitas vezes se materializam nos outros ao meu redor, animais e animais humanos.

Nossa vida gira dentro, fora e entre os territórios (são vários). No pensamento deleuziano, para que haja um movimento de territorialização deve haver também um vetor de saída, desterritorialização, e para que esse vetor aconteça deve haver um outro [vetor] para dentro de outro território, reterritorialização. Estamos constantemente territorializando, desterritorializando e reterritorializando, me baseio nesse pensamento como princípio de entendimento de como os seres se comportam e de como eu me comporto em relação ao meio e, sobretudo, minha postura em relação à arte.

### 4. CONCLUSÕES

A qualidade de múltiplo no devir-animal traz à tona a relevância que o meio tem para esse vir a ser, tangenciando a cidade somos capazes de estabelecer uma relação de devir-animal, mas o que aconteceria se o meio fosse outro? A experimentação da performance e sua posterior reflexão afunilaram nessa questão. O meio nos influencia, o bando nos influencia, portanto, mostra-se necessário um movimento de transição da cidade para lugares mais afastados, regionais, onde imperam hábitos tradicionais, hábitos de tribo, onde a natureza se faz mais presente e o homem é mais animal. Esse afastamento nos lembra da figura do “eremita”, o desejo de ser eremita é também o desejo de ser mais animal.

As ramificações de devir-animal acabam se polarizando em uma síntese desse como forma de vida, uma vez que o animal nunca esteve fora de nós, como escreve DERRIDA (EDITORA UNESP, 2002) “Ao passar as fronteiras ou os fins do homem, chego ao animal [...]”. Dessa forma, me deparo com um devir-animal que se mistura e acontece na vida; a animalidade nos toma em momentos cotidianos e essa pesquisa em processo visa a possibilidade de sensibilizar esses momentos de devir, assim como experimentar, a partir de uma vivência artística, cenários e contextos que partem de uma poética singular; a inserção nesse território artístico me traz o desejo de ser algo, vir a ser aquilo que sempre quis, animal.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.<sup>1</sup>

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOLANDA FERREIRA, A. B. de. **Mini Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

NIETZSCHIE, F. **Vontade de Potência**. Petrópolis: Vozes, 2011.

**ABECEDÁRIO Deleuze – Letra A**. Claire Parnet entrevista Gilles Deleuze. 27'10". Acessado em 10 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rjAVIq4o8vk>>.